

Música

Aos 33 anos, o multi-instrumentista Da Do lança 'Minha cidade', seu disco de estreia, que mistura ritmos como samba, choro e bossa nova ao estilo de John Coltrane

Jazz, mas com balanço brasileiro



B

VIRTUOSO – O compositor se apresenta hoje na Lapa, a partir das 21h

Rachel Almeida

Quando era criança, Da Do, o caçula da família, chateava seus quatro irmãos assoviando sem parar. Mas não se tratava de nenhuma melodia conhecida, não. Eram seus momentos de criação. Os (muitos) anos se passaram e hoje, o saxofonista, clarinetista e flautista, que já trabalhou com nomes como Martinho da Vila, Fafá de Belém, Pery Ribeiro e Diogo Nogueira, lança seu CD de estreia, *Minha cidade*, na Lapa, só com composições próprias (leia crítica na página 24). O estilo? Ele define como jazz brasileiro, mas a mistura é variada.

– Estudei no exterior (*Manhattan School of Music*), me apresentava com músicos brasileiros, como Dom Salvador, em Nova York, e achava que não voltaria mais – lembra Da Do, que, além do trabalho solo, integra o quarteto Bossanovíssima!, liderado por Tomás Improta, e o Itiberê Zwarg & Grupo. – Mas descobri que não queria ser um jazzista convencional, aquilo não prendia a minha alma completamente.



Divulgação

HOMENAGEM – Nomes como Waldyr Azevedo e Toquinho são inspirações no disco de Da Do

Foi assim que o chorinho, o samba e a bossa nova passaram a fazer parte indissociável do trabalho do criador de 33 anos – tanto que as músicas do disco homenageiam ícones como Waldyr Azevedo (*No correio*), Toquinho (*Infância*), entre outros mestres. Nascido após quatro anos de trabalho, o disco, com arranjos de Nelson Ayres, abre com o samba *Sorrir pra não chorar* e fecha com a bossa jazz *Pedra de rio*.

– Sou um grande admirador da música carioca e, por isso, decidi me mudar para cá há um ano e meio – conta o paulistano Da Do, que mora no Leme, onde passa o dia estudando, ensaiando ou escutando música. – Acho que muito do burburinho musical da cidade ficou no passado, mas vejo grupos de samba com alto nível e percebo que há a formação de grandes percussionistas por aqui.

Filho de franceses, Da Do conta que os pais sempre fizeram questão de dar a ele e aos irmãos “aquela educação europeia tradicional”. Ou seja, a música fazia parte do repertório das crianças. No caso dele, a partir dos 3 anos já es-

tudava com a renomada pianista e compositora Eunice Katunda. Após uma década dedicada ao estudo da flauta transversal, com ênfase em repertório clássico e barroco, começou a focar no saxofone, jazz e bossa nova.

– Em *Minha cidade*, Da Do consegue mostrar sua personalidade musical sem deixar de lado a autenticidade do chorinho, por exemplo – elogia o músico Dom Salvador, radicado nos EUA. – Ele saiu de Nova York porque queria se familiarizar com suas raízes, mas agora pode voltar para cá, se quiser, para apresentar este belo trabalho.

Em *Minha cidade*, além de assinar as composições, Da Do se reveza nos saxofones soprano, alto e tenor, clarinete e flauta transversal. No palco da Lapa, ele compartilha a emoção de apresentar o primeiro disco com Itamar Assière (piano), Rômulo Gomes (contrabaixo), Lucio Vieira (bateria) e Esguleba (percussão).

TribOz, Rua Conde de Lage, 19, Lapa. Reservas pelo telefone 2210-0366. Hoje e dia 23, às 21h. R\$ 15.

Leia crítica na página seguinte.